

# Silêncios – Terra Prometida

*Silence – The Promised Land*

*Maria do Carmo Andrade Palhares\**

**Resumo:** No começo de vários começos a unidade mãe-bebê favorece a continuidade do ser; processo indispensável para a constituição da identidade humana. A arte de desaparecer em sua externalidade objetiva promove o silêncio materno como elemento fundante da condição de ser e existir para si mesmo na interioridade do bebê humano.

**Palavras-chave:** Unidade. Silêncio. Materno. Ser. Existir.

**Abstract:** *At the very beginning of several beginning the mother-baby unity favours the continuity of the being; an indispensable process for the constitution of the human identity. The art of disappearing from its objective externality makes the maternal silence the founding element of the condition of being and existing in the inner life of the human baby.*

**Keywords:** *Unity. Silence. Maternal. Being. Self existing.*

---

\* Psicanalista, membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ).

Há quem diga que nunca esquecemos. Há quem diga que está diluído, suprimido no tempo dos acontecimentos. Há quem diga que não pensa nesse período – o que aconteceu, se perdeu. Há quem diga que estes primórdios não deixam marcas e, se deixam, a vida as leva para fora da gente. Assim há quem viva achando que o início da própria vida é uma experiência que desapareceu na vastidão do tempo.

Mas há quem diga, um dia, em sua coluna semanal de um jornal carioca, recuperando o inaudível, esse longo texto:

Curioso como, ao nascermos, contam-se nossos dias a partir do zero, fazendo crer que a vida começa no instante em que somos lançados à luz. Nada mais falso. Em primeiro lugar, e sem entrar em considerações hipotéticas sobre vidas passadas, é uma baita injustiça eliminar, da contagem, os nove meses que separam a concepção do nascimento. Não estou aqui reclamando uma adição de três quartos de ano ao cômputo dos dias, embora não fosse absurdo dentro da estrutura arbitrária das convenções civilizacionais. O que pretendo salientar é que, para além da questão cronológica, a intensa, misteriosa, atribulada, instintiva e palpitante existência intrauterina é simbolicamente suprimida, como se fosse uma experiência não vivida, ou, na melhor das hipóteses, como um esboço de vida. Pois digo, sem meandros: trata-se não somente de alguma vida, mas de toda uma vida. Vida encerrada numa redoma, vida de absoluta ilusão de proteção e estabilidade. Numa gestação clássica, as intempéries resolvem-se, sempre, num eterno retorno ao equilíbrio, movimento análogo à dinâmica pendular. A quebra desta ilusão, nas sofridas proximidades e, enfim, no advento do parto, é um evento de extrema violência, uma imposição discricionária do caos sobre a ordem, do medo sobre a segurança, do frio sobre o conforto, do grito de terror sobre o silêncio, da desorientação sobre a concentração, da ruptura sobre o elo. Não haverá, no decorrer da vida oficialmente declarada, aflição maior do que essa (e a das conseguintes idas e voltas entre a seiva do seio materno e a selva de sua ausência). Todo sofrimento que vier, e também todo o prazer, depois, será decorrente desta quebra fundamental que redundará na obrigação de pertencer, interagir, com o mundo do lado de fora. Toda frustração posterior será uma memória da frustração primeira. Todo prazer, toda contemplação de belezas, uma memória do útero, do seio, do bem-estar. Toda intuição de paz ou ímpeto de morte será um desejo de voltar ao elo. Todo medo de ousar ou de morrer, ao contrário, será o medo do incerto que a própria vida, mesmo bela na variedade do caos, representa, onde a única certeza, paradoxalmente, é a morte (BLOCH, 2009).

De onde vem esse conhecimento que ao ser dito, desmente, a lembrança perdida. De onde vem esta memória? Seria um sonho? Se assim for ele se apresenta aqui em palavras revelando que o silêncio desses momentos pode ser trazido em processo de linguagem, desde que tenha havido, após o nascimento, a experiência de si como integradora das vivências essenciais. Diríamos então: não aprendi, mas sei; não falei, mas acolhi, acolheram, transformando este acontecimento em um sentido pessoal que carrego como patrimônio humano.

Será que é isto que nos permite escrever sobre este tema? Nesta perspectiva, garimpando vozes, muitas contribuições foram utilizadas por mim, ao longo deste trabalho, com a vontade de contatar e apresentar inúmeras pessoas que se pronunciaram sobre os primórdios da condição humana.

Diante disso, outras contribuições se sucedem. A escritora, Josephine Hart, inicia seu romance, *Perdas e danos*, dizendo:

Existe uma paisagem interna, uma geografia da alma, cujos contornos buscamos durante toda a nossa vida. Aqueles que têm a sorte de encontrá-la correm tranquilos como água sobre a pedra, acomodando-se aos seus contornos fluidos, e se sentem em casa (1991, p. 7).

Freud, em *Inibições, sintomas e ansiedade* (1926 [1925]), conjuga esses dizeres, afirmando

Da mesma maneira que a mãe originalmente satisfaz todas as necessidades do feto através do aparelho do próprio corpo dela, assim agora, após o nascimento daquele, ela continua a fazê-lo, embora parcialmente por outros meios. Há muito mais continuidade entre a vida intrauterina e a primeira infância do que a impressionante “cesura” do ato do nascimento nos teria feito acreditar. O que acontece é que a situação biológica da criança como feto é substituída para ela por uma relação de objeto psíquico quanto a sua mãe. Mas não nos devemos esquecer de que durante sua vida intrauterina a mãe era um objeto para o feto e naquela ocasião não havia absolutamente objetos (p. 162).

Freud enuncia ao final do texto, um paradoxo, que vai se prolongar após o nascimento: “*a mãe era um objeto para o feto e naquela ocasião não havia absolutamente objetos*” É este paradoxo que Winnicott vai desdobrar fibra por fibra. Uma pergunta feita por ele nos leva ao mais remoto da existência: “*Qual o estado fundamental ao qual todo ser humano, não importa a sua idade ou expe-*

*riências pessoais, teria que voltar se desejasse começar tudo de novo?”* (1990, p. 153) Winnicott responde dizendo que teríamos que voltar ao paradoxo. Para este autor o início é marcado pelo paradoxo, são os opostos integrados que dão sentido aos extremos da existência: é preciso estar muito bem acompanhado para poder estar só. O paradoxo primordial aponta para a necessidade de experimentar uma solidão essencial vivida em condições de dependência máxima. Tal solidão só é possível se houver desconhecimento sobre a existência do ambiente e do amor nele contido, são os cuidados recebidos neste estado que constroem a noção de amor. Assim através de uma privacidade fundante a constituição de um núcleo íntimo e pessoal está se processando. Neste momento, “interno” só significa pessoal. Ainda não existem relações de objeto porque não há um ser, logo, ainda não existe interno e externo; não se configura alguém diante de alguém. Então, cada pedaço desta compreensão assume uma importância para a constituição desse ser.

Ferenczi, anteriormente, abordara a questão do trauma relacionado à presença materna e, ao mesmo tempo, articulava esta experiência relacionando-a ao desenvolvimento do sentido da realidade, diz ele:

Se tentarmos uma identificação com o recém-nascido não apenas no plano afetivo (como as pessoas que cuidam dele), mas também no plano do pensamento, devemos admitir que os gritos de aflição e de agitação da criança constituem uma reação e má-adaptação à perturbação desagradável que bruscamente interveio, pelo nascimento, na situação de satisfação de que ela gozava (...) Assim do ponto subjetivo da criança, a “onipotência” incondicional de que ela gozava até ali só modificou-se na medida em que foi necessário investir no modo alucinatório (representar), o que ela deseja, mas sem ter nada mais a modificar no mundo exterior para obter efetivamente a satisfação dos desejos. Não tendo, certamente, nenhuma noção do encadeamento real das causas e dos efeitos, nem da existência e da atividade das pessoas que tomam conta dela, a criança é levada a se sentir na posse de uma força mágica capaz de realizar efetivamente todos os seus desejos apenas pela representação da satisfação (...) O primeiro sono não passa pois de uma reprodução da situação intrauterina que a preserva, tanto quanto possível das excitações externas, tendo, provavelmente, como função biológica, concentrar a totalidade da energia no processo de crescimento e de regeneração, sem ser perturbado por uma tarefa exterior a efetuar” (1913, p. 78-79).

Constatamos diferenças entre Ferenczi e Winnicott ao abordarmos o momento do nascimento e seus desdobramentos. Para Ferenczi a questão diz res-

peito à manutenção, pelos cuidadores, da experiência de satisfação. Ferenczi fala em impedir frustrações precoces para favorecer o pleno exercício da experiência de onipotência como necessária para a aquisição satisfatória do sentido da realidade. Em Winnicott o que está em jogo é a continuidade do ser como processo essencial para a garantia de que a vida que se inicia valha a pena ser vivida. Winnicott preocupa-se com as intrusões ambientais porque decorre daí o risco do aniquilamento do ser, fato que inviabiliza a constituição do si-mesmo: cerne da identidade humana.

Mas tanto Freud e Ferenczi quanto Winnicott destacam que a morada inicial precisa se prolongar e permanecer por algum tempo, após a separação do nascimento, através do aconchego físico e emocional, como ambiente acolhedor e restaurador da proteção e do amparo. O elo entre mãe e filho precisa dar conta da ruptura vivida com o nascimento, precisa, sobretudo, assegurar que o silêncio empático não será rompido por um desencontro inicial. Deve ser necessário nascer para encontrar, do lado de fora a prova de que foi possível separar e permanecer unido, junto, conhecer o vínculo dual para estabelecer a condição de estar vivo. Sobretudo, se considerarmos o nascimento como expressão do gesto espontâneo na busca de empreender o segundo tempo da nossa existência ao lado de uma companhia que vai possibilitar ao indivíduo conhecer o amor dos começos. Segundo Balint (1993), essa relação primária de objeto libidinal é passiva, a criança não ama; ela é amada. “Um novo começo”, diria Balint, surge a partir dessa vivência na relação analítica tornando possível a refundação de si mesmo. Entregar-se a esse amor primário ressoa como possibilidade de um dia amar e usufruir da vida.

Antes, no primeiro tempo da existência, no ventre materno, foi possível conhecer o corpo materno e suas entranhas, seus órgãos em movimento rítmico na intimidade do seu sangue, e no meio de suas vísceras desenrolou-se o fluxo material do viver físico. Todo este invólucro denso e sensível que nos abrigou, essa anatomia viva, é permeado por emoções e sentimentos que encorpam a natureza humana. Após nascer, choramos, com isto buscamos além do oxigênio, o reencontro com a proteção, com a segurança, com a estabilidade, mas, sobretudo, com a substância íntima e vibrante chamada afeto. O abalo intenso da separação corpórea vai ser atenuado pela presença materna agora acrescida de seus contornos corporais externos: o seu cheiro, o som próximo da sua voz, a película da sua pele, respirando no compasso de sua respiração, mas primordialmente, recobrando tudo isto, a sensação calorosa do gesto amoroso como prova de um encontro humanizador. O sentido da vida se dá, nestes

primórdios, pelo olhar, pelo olfato, pelo ouvir, pelo tato epidérmico, impregnando de intimidade o começo de uma história. Assim, neste início não é possível abrir mão desta experiência. E se assim não acontecer, o psicanalista francês, J. D. Nasio, comunica: “*A dor de amar é uma lesão do laço íntimo com o outro, uma dissociação brutal daquilo que é naturalmente chamado a viver junto*” (2007, p. 31). Borges, o escritor, em seu poema *O ameaçado*, finaliza: “*Dói-me uma mulher por todo o corpo*”.

Pensamos, então, que desfazer este laço visceral – vínculo primordial – sem que novos laços se formem em uma estrutura de *holding* e continência, pode levar à supressão do que é essencial: continuar vivo para si mesmo, antes de estar vivo para o outro e para o mundo. Constatamos que ao desfazer o laço íntimo, desfaz-se o silêncio como possibilidade de fecundar o si-mesmo, o centro de gravidade do ser, comprometendo o estabelecimento de uma identidade. O silêncio é uma conquista ofertada pelo encontro com o outro. De que forma o outro faz esta oferta? Não se diferenciando precocemente, bruscamente. Não revelando sua alteridade ao se apresentar como diferente, separado, outro. Não se aliando ao mundo externo em sua cobrança de adaptação, constituindo-se como marca precoce de externalidade. Aqui o negativo viabiliza a continuidade da experiência intrauterina mencionada por Freud, não rompe a superposição dos dois tempos acima destacados, desestabilizando abruptamente o encontro do bebê com o mundo exterior, expondo-o aos riscos da invasão objetal; expondo-o a um trabalho precoce de organizar, transformar ou consertar o mundo exterior, adaptando-se ou reagindo às circunstâncias. É a presença de ruídos que vai permear estes momentos: intrusões, interrupções, descontinuidades podem levar a dissociações precoces. Daí resultando um ser cindido que diante de um espelho não se reconhece. E, assim sendo, não correrá o risco que vale a pena correr: experimentar-se como construção artesanal.

Em seu livro sobre *A dor de amar*, Nasio descreve essa perturbação como dor. Dor como a marca da perda da intimidade inicial. Neste contexto desaparece o silêncio. Aquele silêncio que provém da identificação primária. Assim é num diálogo sem vozes diferenciadas que a identificação se constitui em linguagem do silêncio. Se assim acontecer positiva-se a igualdade ofertada por um adulto que ao se identificar favorece a vida em quietude expansiva, permitindo ao bebê experimentar a dependência e a vulnerabilidade sem perceber seu desamparo diante do outro. A percepção e a preocupação pertencem ao cuidador, fazem parte do que o diferencia da condição de dependente. Neste sentido a diferença instala o ato de cuidar favorecendo a conquista da confian-

ça no outro. Confiar produz silêncio. Desta forma, mãe e filho podem conviver no mesmo ritmo, no mesmo compasso; uma rotina se estabelece configurando uma dança de pequenos acontecimentos que ao longo do tempo assumem uma dimensão surpreendente. Aqui reside um encontro propiciador de silêncio e presença, tornando possível para o bebê estabelecer um centro em si mesmo, e daí constituir um sentido como orientador da vida. Essa é a base para que outros significados pessoais possam surgir ao longo da existência.

Winnicott em um pequeno texto traduz esta experiência do bebê, dando-lhe voz: *“O importante é que eu sou não significa nada, a não ser que eu, inicialmente, seja juntamente com outro ser humano que ainda não se diferenciou”* (1988, p. 9).

É dessa compreensão que Henrique Honigsztejn vai se utilizar para elaborar seu pensamento sobre o processo de criação. Vale a pena ler seu texto e relacionar silêncio e criação como elementos que traduzem o percurso inicial do homem e sua inserção dentro da paisagem humana, acrescido de um dom especial. Diz, ele:

Para nós o “holding” que possibilita o criador não é o “good enough” de Winnicott, que leva a um desenvolvimento emocional dentro da normalidade. Seria um “holding” no qual haveria um excesso de libido, presente de uma mãe que, desligando-se em grande parte do que estivesse ao seu redor, se desse ao bebê, e este responde com uma carga semelhante. (...) As angústias arcaicas seriam sempre contidas, não trazendo interrupções ao desenvolvimento. (...) Sabemos que as frustrações é que permitem a diferenciação. (...) No criador isso seria retardado, estabelecendo-se nesse período de não diferenciação, o que chamamos de núcleo rítmico. O núcleo rítmico é registrador na psique de um relacionamento mãe-bebê harmônico, no qual o ego que se forma é como que um regulador do id em suas manifestações, como que o harmonizando. (...) Um bebê no mudo diálogo com a mãe não apenas pelo tato, mas por todos os sentidos, iria configurando dentro de si, podemos então supor, nos momentos de tranquilidade, um aparelho perceptual interno, que seria o que se chama: o “ouvido interno”, o “olho interno”, etc... (1990, p. 30).

Daí, podemos, também, inferir a condição de sensibilidade e elasticidade da escuta psicanalítica. O silêncio é, como dizia André Green, “o espaço potencial de trabalho do analista” (1979, p. 333).

Penso que adentramos essa terra, silenciosamente prometida, ao constatar que a qualidade da identificação materna introduz a quietude e seu desdobra-

mento em repouso e relaxamento originários. É daí que se estabelece a vivência do não estar vivo: um estado cheio de paz, que envolve uma área de não comunicação, na qual é possível encontrar o outro no silêncio. Configura-se o alicerce que sustenta a solidão originária como momento e lugar subjetivo. Do ponto de vista do bebê, a mãe aí está como ambiência que o sustenta no tempo da duração de si mesmo, possibilitando que a dependência seja vivida de forma absoluta, isto é, não percebida. O paradoxo, aqui, já nomeado e apresentado legitima este acontecimento: a solidão fundante do si-mesmo só é possível de ser alcançada na presença do outro. Afirma-se o encontro entre o primordial e o facilitador. Ou seja, através da identificação materna empreende-se a trajetória focalizada por Winnicott: do outro ao eu. Neste percurso o que vigora é a apercepção criativa, um estado de abertura apto a conceber inúmeras formas que vão emergir do núcleo genuíno do self. No meio dessa experiência configura-se um estado de amorfia que capacita o bebê a produzir formas dentro das quais ele É; logo, está vivo e criador. Portanto, algo de essencial, pleno de potencialidades se faz realidade no processo de constituição da subjetividade. Estamos no início da obra: a continuidade do ser é espelhada – sendo –, torna-se viável para o bebê conceber, inventar o mundo que já existe. Neste momento, aperceber define-se como silêncio do ambiente; uma atmosfera sem superfície definida inunda o entorno do encontro humano. Isto porque o núcleo do self não está ameaçado pelas exigências ambientais e a dependência é constitutiva do existir. Gilberto Safra escreve com clareza sobre tudo isto:

Aquele que acompanha a pessoa neste estado, possibilitando o acontecimento da situação de dependência, também está num estado vazio de si, vive também um estado de solidão, para possibilitar que o indivíduo acompanhado venha a ser. A devoção materna possibilita o aparecimento do outro como ser e implica um esvaziamento de si. Por isso é oferta. Fenomenologicamente falando, a mãe, nessa situação, não está como objeto. Ela está como objeto no olhar do observador mas, na verdade, ela aí está como silêncio (2006, p. 69).

Surgem diferenças entre Freud e Winnicott. Em Freud o ponto de vista é do observador. Em Winnicott o ponto de vista é do bebê. Ou seja, no início a mãe é ambiente e não objeto. Isto é possível porque a presença materna aí está como objeto subjetivo, logo, a comunicação com ela não é explícita. A comunicação silenciosa está relacionada ao conceito de narcisismo primário, vale



dizer, prevalece a unidade constituída pelo bebê e a mãe como formadora do núcleo narcísico estruturante do indivíduo. A singularidade de uma subjetividade emerge desta unidade. Unidade que atesta um ato de presença indiferenciada, antes que o objeto possa faltar e ser alucinado. Indo direto ao ponto: no começo da vida necessitamos de um acolhimento que propicie a constituição da estrutura ambiente-indivíduo, pois é assim que o bebê acede à experiência de si, sendo com a mãe. O gerúndio aqui é a ação do silêncio dos primórdios; vive-se no aqui, agora, a continuidade de ser e existir, unido ao que se mantém como aparição criativa sem se revelar como outro.

Voltemos a Borges e a seu poema que nos diz: “*Estar contigo ou não estar contigo, era a medida do meu tempo*”. É dentro desta temporalidade que o presente se torna vivo e real construindo um lugar para ser e estar “em casa”: o cerne íntimo da subjetividade humana. Ser e estar em casa sinaliza a autoidentificação de uma presença dentro de si, em silêncio, oferecendo ao sujeito um gosto à vida. Aos poucos de forma gradual e silenciosa há um desdobramento no tempo: ir sendo com a mãe. Neste processo, o presente se dilata – ir –, incorporando o futuro, assim já é possível conceber um devir. Vem daí a capacidade de fruição do tempo presente como experiência fundamental na existência humana. Dentro de si, esse tempo, o presente, é continuidade e esperança. Isto é uma conquista, sozinho ou acompanhado. No trabalho clínico, sessões prolongadas permitem o desenrolar e a vivência dessas temporalidades que sustentam o viver do paciente junto ao analista possibilitando uma refundação de si mesmo.

Nesse ponto, o texto de Winnicott sobre a comunicação e a não comunicação nos esclarece:

Sugiro que normalmente há um núcleo da personalidade que corresponde ao eu verdadeiro da personalidade arcaica; sugiro que este núcleo nunca se comunica com o mundo dos objetos percebidos, e que a pessoa percebe que não deve se comunicar com, ou ser influenciado pela realidade externa. Embora as pessoas normais se comuniquem e apreciem se comunicar, o outro fato é igualmente verdadeiro, que cada indivíduo é isolado, permanentemente desconhecido, na realidade nunca encontrado (...) No centro de cada pessoa há um elemento não-comunicável, e isto é sagrado e merece ser preservado (1963/1983, p. 170).

O reconhecimento desse núcleo é significativo quando se trata de pensar o silêncio dos primórdios. Isto porque a existência desse núcleo, destacado por Winnicott como merecedor de preservação, nos coloca em contato com um lu-

gar que abriga o sentido pessoal de cada indivíduo. Trata-se de percorrer aquela “geografia da alma” da qual nos fala Josephine Hart e, se dar conta da existência de um lugar: a sede do idioma pessoal. Suponho que este núcleo isolado do self que abriga o sentido do si-mesmo seja a matriz do gesto criativo e todos os seus derivados. Isto é incomunicável a olho nu. Winnicott vai reivindicar o direito de não se comunicar, considerando como parte da normalidade a existência de um núcleo do self que deve permanecer imune ao princípio da realidade e para sempre silencioso: “*Pertence ao estar vivo*”, diz ele. As experimentações humanas derivadas desse núcleo podem ser consideradas representações que buscam a comunicação entre os homens através das expressões artísticas, do pensamento científico, das tentativas de intervir no mundo na esperança de melhorá-lo. Isto porque há uma experiência primordial ocorrendo neste lugar: a preservação do isolamento pessoal como parte do que um dia foi intimidade e solidão na presença do outro. Assim foi possível construir um lugar para o qual retornar sempre que for necessário descansar para reinventar-se. Paradoxalmente é deste núcleo que se origina a possibilidade da comunicação humana. Vale dizer, é a partir do que desconhecemos em nós que impulsionamos a comunicação com o outro, buscando um espelho vivo. Podemos, então, introduzir uma sofisticação do processo de amadurecimento humano que se apresenta assim: estar recluso não quer dizer fechamento para o mundo. Digamos que é uma tranquilidade, uma satisfação estar escondido, mas é justamente porque não é um fechamento para o mundo, esperamos ser encontrados. Escondidos na busca de ser encontrados. Ou seja, encontrados naquilo que é original, autêntico, espontâneo no mundo íntimo, que sempre esteve lá em silêncio. A partir daí é uma alegria se comunicar. O poeta em sua canção, entoou: “*Terra, Terra, por mais distante o errante navegante. Quem jamais te esqueceria? Pois, aconteceu de eu ser gente. E gente é outra alegria, diferente das estrelas*” (Caetano Veloso, 2005).

Diríamos, então, terra prometida através da qual os músicos do mundo inteiro emitem sons para capturar o silêncio.

No entanto, há riscos neste percurso. Podem ocorrer desastres. O medo de não ser encontrado, por vezes, mantém o indivíduo no subterrâneo de si, prisioneiro de uma estranheza que o habita em busca de um gesto que revele seu próprio enigma. O desastre: perder toda nossa humanidade em função desse medo. Medo sem forma, impreciso, sem limite.

Na clínica, essa perspectiva, aponta o silêncio como oposto à valorização que existe em relação à associação livre. O manejo clínico se traduz em gestos que acolham o silêncio como ato de comunicação e revelação dos sentidos

mais profundos e fragmentados da alma humana. Nesses momentos, o silêncio une enquanto a palavra separa.

Quando insiste na qualidade ambiental como indispensável para as conquistas maturacionais, Winnicott refere-se a não ser invadido pelas demandas ou ausências objetais. Theodor Reik escreve: “*A calma é como a persiana que atenua a luz excessivamente intensa. Assim, a pressão exercida pela proximidade com a realidade material é abolida*” (1926). Provisão ambiental significa oferta, doação que favorece e legitima os anseios pelo desenvolvimento pessoal. Estes gestos e ofertas vão ao encontro das necessidades do bebê. Isto quer dizer: não violar este núcleo pessoal, sagrado. Entendemos que a preservação do isolamento é parte da procura de advir de si mesmo, portanto, parte do princípio de singularização. Aqui está o risco: invasões por falta de *holding*, continência e função especular vão engendrar uma antívida: o bebê inexistente ou está morto. Ou seja, não se sente vivo, real. A partir daí a comunicação com o mundo torna-se comprometida porque não envolve o núcleo do *self*. Predominam aparências, negações, devaneios, reações em que não importa viver, mas simular. Poderíamos, também, falar de uma paranoia primária como resultado de invasões e violações precoces: o outro se constituindo como adversário, inimigo e o mundo passando a conter perigos e ameaças que podem paralisar e empobrecer os investimentos na vida.

Um outro desastre pode surgir através da sedução. Aqui o risco é o desvio por parte do ambiente do que é genuíno, espontâneo, natural no indivíduo, não legitimando os gestos eróticos ou agressivos exercidos sobre a materialidade do mundo. Aqui a inconsistência ambiental não sustentaria sentimentos que demandam uma resposta autêntica, as relações de amor e ódio, por exemplo. Vale a pena reproduzir o texto de Winnicott sobre este tema:

Afirmo que o lactente se sente “subornado” por uma mamada satisfatória e se pode verificar que a ansiedade de uma mãe que amamenta pode se basear no medo de que, se o lactente não estiver satisfeito, ela será atacada e destruída. Depois da mamada, o lactente satisfeito deixa de ser perigoso por poucas horas, perdendo sua catexia do objeto (1963/1983, p. 165).

Portanto, pode emergir o aplacamento do gesto agressivo como evasão, escapismo, resistência ou um sentimentalismo tóxico na tentativa de manter a catexia do objeto. Podemos refletir sobre este processo de excesso de satisfação na clínica atual, enfocando os conluios, os acordos, as atitudes benevolentes por temor da agressividade do paciente. Ou simplesmente, não desagradar para não

correr o risco de ser abandonado pelo paciente. Ou abandoná-lo, silenciosamente, diante do espanto que nos causam suas fragmentações radicais. É aqui neste limiar entre presença e ausência, reserva e envolvimento, acolhimento e resistência que se move a comunicação humana. Nesta perspectiva, reivindica-se o direito de não se comunicar. Pontalis endossa esta compreensão ao dizer:

Uma das concepções mais originais de Winnicott, e uma das mais provocativas para o psicanalista dedicado ao estudo, à interpretação e à comunicação do sentido: o direito do paciente de não ser descoberto, a necessidade de não se comunicar, na medida em que tal necessidade, quando reconhecida revela que o indivíduo se sente real na comunicação secreta que mantém com o que há nele de mais subjetivo (1977, p. 189).

Nos primórdios da vida, o diálogo mais solene, essencial, e ininterrupto é entre o ser e o seu destino, é daí que surge um sentido para viver e perseverar.

Nos primórdios da vida, o objeto bom é o objeto criado ressoando uma vida que se infiltra por todos os lados.

Entre o silêncio e a comunicação, o sujeito acontece em processo, no gesto poético. Instantes de repouso e movimento engendram experiências diversas, acontecimentos contrastantes, nesse vaivém sujeito e mundo se expandem.

Ao final, gostaria de trazer um depoimento. Andréa Bomfim Perdigão organizou um livro sobre o silêncio; recolheu, através de entrevistas, inúmeras vozes que se pronunciaram generosamente em torno desse tema. Vozes oriundas de vários segmentos profissionais. Dentre os depoimentos escolhi o de Gilberto Safra. Diz, ele:

Em minha interioridade, há algo em mim mesmo que sempre está em silêncio. Eu sinto que vou em direção às pessoas e às coisas. Mas na minha forma de ser, não consigo ficar muito nesse tempo de colocar-me em direção ao mundo. É isso que estava descrevendo em relação às aulas: eu preciso me retirar para o silêncio frequentemente. Isso é uma necessidade para mim, porque se não fizer isso, em qualquer situação, eu me canso. Na alma. Eu preciso retornar ao silêncio, é uma necessidade para mim (...). Isso eu acho que é uma conquista (...). Quando estou numa situação de reunião, ou de aula, ou num grupo mais próximo. Eu “saio”, entro no silêncio, retorno. Sem o silêncio eu murcharia (2005, p. 121-122).

Penso, agora, o silêncio acontece porque o repouso se fez gesto, comunicação, crença. Crença no mundo da oferta e da aparição criativa, portanto,

mundo confiável, reservatório de presenças, e assim de futuros possíveis entre homens precários e esperançosos. Tal posição nos levaria a aproximar-nos do outro de modo a favorecer que ele aconteça na sua própria humanidade. Isto se dá no silêncio, mas repercute amplamente no processo civilizatório.

É justamente a partir dessa compreensão que a aventura psicanalítica não se traduziria pela ambição de um ego autônomo, plenamente consciente, bem-acabado ou conformado com a falta. O mito da cura se desfaz, e se traduz, então, na conquista da capacidade de estar só em presença e silêncio do outro, mas, ao mesmo tempo, disponível para acrescentar e ser acrescentado pelo mundo. Aqui o desafio é não resolver este paradoxo, lugar inicial da integração dos opostos que silenciam polaridades inconciliáveis para permitir o fluir da complexidade do viver. Viver, sempre difícil, mas nessa perspectiva, aberto à pluralidade e aos efeitos da produção de sentidos gerados pelo encontro com o outro. Enfim, manter o paradoxo fundador – dependência e criação, aparição e ocultamento – é validar o acontecer humano em sua silenciosa singularidade, experiência essencial na constituição de uma comunidade ética.

Podemos considerar, então que, ao percorrermos a vastidão e a complexidade dos silêncios iniciais tocamos os enigmas de nossas aspirações mais abstratas. O sensível começa, sutilmente, no reconhecimento dessas aspirações em cada sensação corporal, em cada gesto interior que se direciona ao outro, ao mundo dos afetos, à sonora e silenciosa potência que anuncia as dádivas da comunicação humana.

**Maria do Carmo Andrade Palhares**  
mcarmandoandrade@gbl.com.br

## Referências

BALINT, M. *A falha básica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

BLOCH, A. *Todo neném é matusalém*. Crônica publicada no jornal “O Globo” em 31/01/09.

BORGES, J. L. O ameaçado. In: *Poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FERENCZI, S. O desenvolvimento do sentido da realidade e seus estádios. In: \_\_\_\_\_. *Escritos Psicanalíticos (1909-1913)*. Rio de Janeiro: Taurus Editora, 1913.

FREUD, S. (1926 [1925]). *Inibições, sintomas e ansiedade*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 20).

GREEN, A. Le silence du psychanalyste. In: *La folie privée*. Paris: Galimard, 1990.

HART, J. *Perdas e danos*. Rio de Janeiro: Record, 1993.

HONIGSTEJN, H. *A psicologia de criação*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

LIMA, R. C.; PALHARES, M. C. Ser o não-ser: eis a questão. *Cadernos de Psicanálise-CPRJ*, Rio Janeiro, v. 24, n. 15, p. 139-152, 2002.

NASIO, J. D. *A dor de amar*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2007.

PALHARES, M. C. A trilogia de Aline: entre o ser e o viver ou um sopro de vida. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 36, n. 4, 2002.

PALHARES, M. C. Aquele que é, está vivo. In: Encontro Latino-Americano do Pensamento de Winnicott, 17, 2008, São Paulo.

PERDIGÃO, A. B. Entrevista com Gilberto Safra. In: *Sobre o silêncio – um livro de entrevista com vários autores*. São José dos Campos, SP: Pulso Editora, 2005.

PONTALIS, J. B. Naissance et reconnaissance du “soi” In: *Entre le rêve et la douleur*. Paris: Gallimard, 1977.

SAFRA, G. O silêncio. In: \_\_\_\_\_. *Desvelando a memória do humano: o brincar, o narrar, o corpo, o sagrado, o silêncio*. São Paulo: Edições Sorbonost, 2006.

REIK, T. Au début est le silence. In: J. D. Nasio. *Le silence em psychanalyse*. Paris: Riva-  
ges, 1987.

WINNICOTT, D. W. Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos (1963). In: \_\_\_\_\_. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

\_\_\_\_\_. A mãe dedicada comum. In: \_\_\_\_\_. *Os bebês e as mães*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

\_\_\_\_\_. *A natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.